

Associação entre ser espectador e outros papéis assumidos no *bullying* escolar

Association between spectator and other roles in school bullying

Marcela Almeida Zequinão¹, Pâmella de Medeiros², Beatriz Pereira³,
Fernando Luiz Cardoso⁴

DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.122819>

Resumo:

Introdução: O *bullying* escolar é caracterizado pela repetitividade das agressões e pela intencionalidade em se ferir ou causar sofrimento ao outro. Os espectadores deste fenômeno tendem a ser os principais responsáveis pelo curso que o *bullying* tomará, bem como quais serão seus respectivos resultados.

Objetivo: Analisar a associação entre o papel do espectador com os outros possíveis papéis de participação no *bullying*.

Método: Participaram deste estudo 409 crianças e adolescentes do 3^o ao 7^o ano, com média de idade de 11 anos (SD = 1,61), matriculadas em duas escolas públicas municipais da Grande Florianópolis. Os instrumentos utilizados foram: uma das escalas do Questionário para o Estudo da Violência Entre Pares, para identificar os espectadores; Questionário de Olweus, para descrever os possíveis papéis de participação no *bullying*.

Resultados: Verificou-se que a maioria dos participantes assumia o papel de espectador no *bullying* escolar. Entretanto, não foi encontrada associação em relação ao sexo e ser espectador. Por outro lado, encontrou-se uma forte associação entre ser espectador e os outros papéis assumidos no *bullying*, principalmente em relação aos agressores.

Conclusões: Esses resultados reforçam a importância dos espectadores nessas agressões, não apenas por representarem a maior parte dos participantes, mas principalmente pelo reforço positivo ou negativo que eles podem oferecer a esses comportamentos agressivos. Assim, o incentivo e o encorajamento destes alunos para denunciarem e reprovarem os agressores, bem como defenderem as vítimas, é fundamental para a redução do *bullying* escolar.

Palavras-chave: *bullying*, espectadores, vulnerabilidade.

■ INTRODUÇÃO

O *bullying* escolar é caracterizado pela repetitividade das agressões ao longo do tempo, pela intencionalidade em se ferir ou causar sofrimento ao outro e pelo dese-

quilíbrio de poder entre as partes envolvidas¹. O *bullying* constitui um fenômeno social e de grupo, no qual todos os comportamentos dos estudantes envolvidos, bem como dos demais membros da comunidade escolar, exercem efeito sobre a sua gênese, manutenção e/ou interrupção.

1 Doutoranda Estudos da Criança com especialização em Educação Física, Recreação, Lazer. Instituto de Educação, Universidade do Minho - IE/UM. Endereço: Rua: Dom Pedro V, nº 219 2º Esquerdo Frente – Braga. CEP: 4710-057 - Portugal.

2 Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano. Departamento de Ciências da Saúde da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Endereço: Rua Paschoal Simone, nº358, Coqueiros - Florianópolis, CEP: 88080-350 - Brasil.

3 Professora Doutora do Instituto de Educação da Universidade do Minho. Instituto de Educação, Universidade do Minho - IE/UM. Endereço: Campus Gualtar – Braga. CEP: 4710-070 - Portugal.

4 Professor Doutor dos Programas de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano e Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Departamento de Ciências da Saúde da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Endereço: Rua Paschoal Simone, nº358, Coqueiros - Florianópolis, CEP: 88080-350 - Brasil.

Corresponding author: Marcela Almeida Zequinão - marcelazequinao@gmail.com

Suggested citation: Zequinão MA, Medeiros P, Pereira B, Cardoso FL. Association between spectator and other roles in school bullying. *J Hum Growth Dev.* 2016; 26(3): 352-359. Doi <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.122819>

Manuscript submitted: 04 Apr 2016, accepted for publication 14 May 2016.

Embora diversos estudos na temática do *bullying* escolar trazem dados relativos apenas aos agressores e vítimas em relação aos papéis de participação nesse fenômeno, outros pesquisadores indicam este como sendo um processo social triádico, em que os espectadores assumem papéis iguais, se não, mais importantes do que os outros envolvidos²⁻⁵. Os espectadores tendem a ser os principais responsáveis pelo curso que o *bullying* tomará, bem como quais serão seus respectivos resultados⁶, tendo em vista que quando este grupo intervém contra uma situação de violência, de modo geral, ela tende a parar rapidamente⁷.

Os espectadores constituem o maior grupo no *bullying* escolar, podendo chegar a até 68% dos estudantes como observadores frequentes de situações de agressões entre os colegas⁸. Em 2009, em uma pesquisa realizada no Brasil, identificou-se uma ocorrência generalizada, principalmente no que se refere ao testemunho de situações de *bullying*, uma vez que 70% de um grupo de 5.168 estudantes referiram ter presenciado cenas deste fenômeno entre os colegas⁹. Este comportamento já parece fazer parte do cotidiano de grande parte das crianças e adolescentes em idade escolar. Entretanto, a atitude assumida perante o fato, poderá influenciar decisivamente na intensidade e nos resultados destes comportamentos agressivos vivenciados na escola¹⁰. Dados indicam que os espectadores vêm reforçando o comportamento dos agressores¹¹, devido à tendência de nada fazerem para protegerem as vítimas¹². No entanto, salienta-se também que estes participantes são afetados diretamente pela ocorrência do *bullying*, mesmo quando não estão envolvidos diretamente na agressão. Muitas vezes os espectadores sentem-se culpados por não terem ajudado a vítima e com raiva de si e dos agressores, além de sentirem-se desamparados, inquietos, angustiados e com medo de tornarem-se alvos, quando observam alguma situação de intimidação^{6,13}. Isto faz com que eles se sintam inseguros na escola e tornem-se desatentos em sala de aula, prejudicando também seu desempenho escolar¹³. Estas consequências na vida dos espectadores podem refletir inclusive na idade adulta, resultando na incapacidade para resolver problemas de forma assertiva, visões distorcidas da responsabilidade pessoal, dessensibilização para atos antissociais e difusão de limites no comportamento aceitável¹³.

Tendo em vista que o *bullying* escolar é um tipo de agressão que ocorre muitas vezes de forma imperceptível aos adultos, o papel do espectador torna-se ainda mais relevante. Contudo, pouco se sabe sobre a relação entre este papel e os outros possíveis papéis assumidos pelas crianças e adolescentes em relação ao *bullying* escolar (vítima, agressor e vítima-agressora). Desta forma, é imprescindível identificar se este espectador também assume outros papéis neste fenômeno, para então, determinar melhores estratégias de intervenção com este grupo. Assim, o objetivo é analisar a associação entre o papel do espectador com os outros possíveis papéis de participação no *bullying*.

■ MÉTODO

Caracterização da pesquisa

Um estudo transversal de cunho descritivo e amostragem intencional foi realizado na região metro-

politana de Florianópolis, estado de Santa Catarina, na Região Sul do Brasil, entre os meses de fevereiro e dezembro de 2012. Previamente à coleta dos dados, os pais e as crianças e adolescentes receberam informações detalhadas sobre a pesquisa. Somente participaram os estudantes que manifestaram vontade em colaborar com a investigação e apresentaram assinado por um responsável o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Todos os participantes estiveram presentes individualmente na coleta de dados. Os participantes responderam ambos os questionários, de auto relato sobre sua experiência como espectador e os outros papéis de participação no *bullying*.

A seleção das escolas participantes foi intencional, pois se deu pela indicação da Secretaria de Educação do município, nas quais as escolas selecionadas eram as que mais se enquadravam no perfil proposto pelo amplo projeto. Após essa seleção, todos os alunos do 3º ao 7º ano foram convidados a participar do estudo, no entanto, apenas aqueles que entregaram o TCLE assinado pelos pais foram selecionados. O único critério de exclusão adotado no recrutamento dos participantes foi apresentar alguma deficiência intelectual que impedisse a compreensão dos instrumentos, com base na indicação do Atendimento Escolar Especial (AEE) das escolas.

Os participantes deste estudo foram crianças e adolescentes do 3º ao 7º ano do Ensino Fundamental, de ambos os sexos, matriculadas no período vigente do estudo em duas escolas públicas municipais. De acordo com os objetivos do macroprojeto ao qual este estudo faz parte, um tamanho de amostra foi calculado assumindo um alfa de 0.05 e poder de 50%. Com base no cálculo amostral o mínimo esperado eram 316 participantes, mas o tamanho da amostra final foi de 409 participantes. Em termos de caracterização, apresentaram idade no intervalo compreendido entre 8 e 16 anos, média de 11,1 anos para os meninos (n=207) e 10,9 anos para as meninas (n = 202), o que pode ser justificado pelo fato de que a maioria pertencia a séries mais avançadas, referentes ao sexto e sétimo anos (52,8%), além de muitos participantes já terem reprovado algum ano na escola (48,5% dos meninos e 40,0% das meninas). Em relação à cor da pele, os meninos se autodeclararam de caucasianos (68,6%), moreno (15,9%), preto (9,7%) e pardo (5,8%). As meninas se autodeclararam: caucasiana (73,3%), morena (15,8%), preta (8,9%) e parda (2,0%).

Esta pesquisa faz parte de um amplo projeto aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos de uma universidade pública do Estado de Santa Catarina (Processo 5439/2011).

Instrumentos

Neste estudo utilizou-se uma das escalas do Questionário para o Estudo da Violência Entre Pares¹². Essa escala está presente na quarta parte do instrumento, sendo 15 questões objetivas referentes a ser espectador de *bullying*. As 13 primeiras perguntas são respondidas através de uma escala Likert de 1 a 5, em que 1 = nunca, 2 = pouco, 3 = às vezes, 4 = frequentemente, 5 = sempre. Com o somatório de pontos de todas as questões, cada participante obteve um escore para a participação no *bullying*

escolar enquanto espectadores. As duas últimas questões são referentes aos locais que as agressões ocorrem e sobre as atitudes tomadas pelos espectadores quando assistiram alguém bater ou perseguir um colega no caminho da escola. A partir desta escala o papel de espectador foi definido por meio da Curva Roc. Os dados apontaram valor de área = 0,768 e $p = 0,0001$, com sensibilidade igual a 83,2% e especificidade igual 57,3%, resultando em um ponto de corte >29,0 pontos no somatório das questões sobre ser espectador. Em relação a confiabilidade interna, Questionário para o Estudo da Violência Entre Pares apresentou um bom nível de consistência interna, com um alfa de Cronbach igual a 0.829.

Para descrever os possíveis papéis de participação no *bullying* foram utilizadas duas questões do Questionário de *Olweus*¹⁴. A primeira questão perguntava quantas vezes, nos últimos três meses de aula, o participante tinha sido vítima de *bullying* escolar, enquanto a segunda perguntava quantas vezes o participante tinha sido agressor. Com as informações obtidas por meio daqueles que responderam que foram vítimas e agressores três ou mais vezes, criou-se uma variável “vítima-agressora”, classificando-os assim em 4 categorias de participação no *bullying*: “não participa”, “vítima”, “agressor” e “vítima-agressora”. O Questionário de *Olweus* também apresentou um bom nível de consistência interna, com um alfa de Cronbach igual a 0.750.

Análise de Dados

Inicialmente realizou-se uma análise exploratória dos dados, com o intuito de sumarizar as informações obtidas no estudo. As variáveis qualitativas foram descritas em termos de frequência absoluta e percentual, já as variáveis quantitativas estão descritas por média e desvio padrão. A estatística inferencial foi realizada por meio dos testes Qui-quadrado, para verificar a associação entre as variáveis, o teste de Correlação de *Spearman*, para verificar a relação entre as variáveis; *Mann-Whitney*, *Kruskal Wallis*, para comparação entre grupos; e a Curva de Características de Operação do Receptor (Curvas ROC - *Receiver Operating Characteristic*), para identificar a variação da sensibilidade e especificidade para diferentes valores de corte. Neste caso, teve-se como variável referência “ter presenciado ou não alguma agressão dos colegas na escola” (primeira questão da escala de espectadores), considerando um valor de área sob a curva superior a 0,5.

Os dados da pesquisa foram tabulados e analisados no programa computadorizado *Statistical Package for the Social Science* (SPSS for Windows) versão 20.0 e

para todos os testes foi adotado um intervalo de confiança de 95% ($p < 0,05$). Entretanto, foram utilizados também os programas: Bioestat versão 5.0, para o *post hoc Dunn*, na análise de variância do teste *Kruskal Wallis*; e o Medcalc versão 12.6, para identificação do valor de corte na Curva Roc.

RESULTADOS

Verificou-se que 56,5% dos meninos e 62,4% das meninas foram considerados espectadores, mas quando não separados por sexo este número mudou para 59,4% dos alunos, entretanto, não foi encontrada associação em relação ao sexo e ser espectador (Tabela 1).

Quanto às agressões observadas pelos alunos, identificou-se que fazer piadas sobre os colegas, chamar de nomes feios ou ofensivos e fazer fofocas foram os tipos de *bullying* mais prevalentes para ambos os sexos, segundo os espectadores. Entre todas as perguntas, verificou-se que o único tipo de agressão observada pelos espectadores que apresentou resultados diferentes entre os sexos foi sobre excluir do grupo, na qual as meninas observaram mais este tipo de comportamento que os meninos (Tabela 2).

Aqueles que relataram já ter visto alguém bater ou perseguir um colega no caminho da escola, foi perguntado também qual foi a atitude tomada por eles frente essas situações de *bullying* assistidas. Os dados indicam que a maior parte dos alunos, tanto dos meninos, quanto das meninas, não fizeram nada para que estas agressões parassem. Outra parte aproximou-se para ver estas atitudes violentas, enquanto os métodos de auxílio mais utilizados foram apoiar o agredido e recorrer a um adulto (Tabela 3).

Com relação a possível associação entre ser ou não espectador e os papéis de participação no *bullying*, encontrou-se uma forte associação entre estas variáveis, indicando que ser espectador de *bullying* está associado com os papéis assumidos perante este fenômeno, mas principalmente em relação aos agressores (Tabela 4).

Analisaram-se também as diferenças entre as agressões assistidas pelos espectadores e os papéis de participação no *bullying* escolar. Observou-se que as principais diferenças ocorrem entre o grupo que não participa e as vítimas, sendo as vítimas as maiores espectadoras em quase todos os casos. Entretanto, as variáveis “bater fisicamente” e “estragar as roupas dos colegas de propósito” tiveram um valor de $p < 0,05$, mas as diferenças entre os grupos não foram sensíveis ao Post Hoc de Dunn (Tabela 5).

Tabela 1: Papel no *bullying* escolar quanto a ser ou não espectador

SER ESPECTADOR DE BULLING	MENINOS		MENINAS		χ^2	p
	N	%	N	%		
Not spectator	90	43.5	76	37.6		
Spectator	117	56.5	126	62.4	1.453	0.228
Total	207	100	202	100		

N: número de participantes; χ^2 : Qui-quadrado; $p < 0,05$.

Tabela 2: Tipos de agressões observadas pelos espectadores de bullying de ambos os sexos

VARIÁVEL VOCÊ VIU ALGUÉM...	MENINOS (N = 207)		MENINAS (N = 202)		U	p
	X	SD	X	SD		
Agredir na escola nas duas últimas semanas	1,27	0,74	2,16	1,27	19453,00	0,171
Empurrar com violência	1,57	0,86	3,07	1,29	20814,50	0,936
Ameaçar verbalmente	1,39	0,81	2,67	1,41	20517,00	0,729
Fazer piadas sobre os colegas	2,11	1,03	3,62	1,25	19338,00	0,179
Bater fisicamente	1,55	0,88	2,75	1,29	20595,00	0,786
Chamar de nomes feios ou ofensivos	2,33	1,22	3,86	1,22	19374,00	0,188
Fazer fofocas	2,16	1,09	3,81	1,24	18846,00	0,077
Excluir do grupo	1,57	0,86	3,10	1,48	16912,50	0,001
Roubar as coisas dos outros	1,15	0,43	1,93	1,28	20766,50	0,886
Fazer coisas de propósito para magoar alguém	1,47	0,78	2,76	1,24	20708,00	0,862
Estragar as roupas dos colegas de propósito	1,11	0,43	1,54	1,07	19569,50	0,104
Passar a mão no corpo de alguém contra a vontade dele	1,14	0,47	2,09	1,34	19720,00	0,237
Bater ou perseguir no caminho da escola	1,34	0,67	2,28	1,39	19122,00	0,117

N: number of participants; X: average; SD: standard deviation; U: Mann-Whitney; p < 0.05.

Tabela 3: Atitudes dos espectadores de ambos os sexos frente à situação de já ter visto alguém bater ou perseguir um colega no caminho da escola

O que fizeste?	MENINOS (115)		MENINAS (93)	
	N	%	N	%
Não fiz nada	39	33,0	31	34,0
Fugi/ tive medo	6	5,0	10	11,0
Recorri a um adulto	12	10,0	12	13,0
Pedi ao agressor para parar	10	9,0	4	4,0
Aproximei-me para ver	17	15,0	15	16,0
Aconselhei-a afastar-se do agressor	2	2,0	4	4,0
Ri-me da situação	2	2,0	1	1,0
Apoiei o agredido	18	15,0	14	15,0
Separei	9	8,0	2	2,0

N: número de participantes.

Tabela 4: Associação entre ser ou não espectador e os outros papéis de participação no *bullying* escolar

Ser espectador	NÃO PARTICIPA		VÍTIMA		AGRESSOR		VÍTIMA-AGRESSOR		χ^2	p
	N	%	N	%	N	%	N	%		
No	134	48.7	17	25.4	6	18.8	6	31.6	20.690	0.001
Yes	141	51.3	50	74.6	26	81.2	13	68.4		
Total	275	100%	67	100%	32	100%	19	100%		

Tabela 5. Diferenças entre as agressões assistidas pelos espectadores e os papéis de participação no *bullying* escolar

VOCÊ VIU ALGUÉM...	NÃO PARTICIPA		VÍTIMA		AGRESSOR		VÍTIMA-AGRESSOR		K	p
	X	SD	X	SD	X	SD	X	SD		
Agredir na escola nas duas últimas semanas	1,67 ^a	1,09	2,18 ^b	1,27	1,50	0,89	1,89	1,20	14,549	0,002
Ameaçar verbalmente	1,95 ^a	1,26	2,52 ^b	1,42	2,28	1,49	2,74	1,63	14,154	0,003
Fazer piadas sobre os colegas	2,83 ^a	1,36	3,60 ^b	1,37	3,22	1,29	3,37	1,30	18,828	0,001
Bater fisicamente	2,12 ^a	1,25	2,51 ^b	1,35	2,28	1,17	2,68 ^c	1,29	8,880	0,031
Chamar de nomes feios ou ofensivos	3,07 ^a	1,45	3,63 ^b	1,32	3,59	1,39	3,79	1,32	13,080	0,004
Excluir do grupo	2,28 ^a	1,42	2,82 ^b	1,43	2,75	1,54	3,00	1,53	12,905	0,005
Roubar as coisas dos outros	1,42 ^a	0,90	1,94 ^b	1,25	2,06	1,43	1,89	1,20	20,230	0,001
Fazer coisas de propósito para magoar alguém	1,98 ^a	1,16	2,79 ^b	1,26	2,56 ^c	1,22	2,74	1,33	33,407	0,001
Estragar as roupas dos colegas de propósito	1,25	0,74	1,48	1,00	1,34	0,83	1,74	1,24	9,121	0,028
Bater ou perseguir no caminho da escola	1,73 ^a	1,16	2,40 ^b	1,50	2,03	1,28	2,05	0,85	17,395	0,001

X: média; SD: desvio padrão; K: Kruskal Wallis; p < 0,05.

■ DISCUSSÃO

A atual pesquisa verificou que 59,4% dos participantes foram classificados como espectadores de *bullying* escolar. Este número foi inferior aos achados preocupantes de Puhl e King^{9,15}, e Simão Freire e Ferreira⁸, que encontraram 92,0%, 70,0% e 68,6% dos alunos testemunhando agressões respectivamente. Apesar deste número ter ficado abaixo do apresentado na literatura, ele ainda representa a maioria dos participantes do estudo. Mesmo com dados indicando a forte presença deste grupo nas escolas, ainda hoje diversos estudos negligenciam a participação dos espectadores no *bullying*, ainda que alguns dados indiquem a maior parte das crianças e adolescentes em idade escolar assumindo este papel⁸, que é fundamental para a compreensão deste fenômeno. Além disso, as testemunhas são indiretamente afetadas pelas situações de *bullying*, devido ao estresse emocional causado, pois podem sentirem-se culpadas por não terem ajudado a vítima ou então desamparados pelas autoridades escolares^{6,13,16}. Todos esses dados devem ser vistos com preocupação, pois sugerem que o *bullying* já faz parte da rotina destes jovens independentemente do ano/série que frequentam, da idade, do sexo, do nível social ou da origem étnica⁸.

No que tange o tipo de *bullying*, os dados deste estudo foram condizentes com a literatura, indicando que as formas mais frequentes de violência, observadas pelos espectadores, foram agressões verbais¹⁷⁻¹⁹. Além disso, percebeu-se uma maior participação das meninas como espectadoras do *bullying* indireto, na variável “excluir do grupo”, dados também suportados pela literatura na qual indicam que as meninas estão mais envolvidas neste tipo de violência^{17,20-25}.

Quando questionados sobre qual foi a atitude tomada pelos alunos que relataram já terem visto alguém batendo ou perseguindo um colega no caminho da escola, os dados indicaram que a maior parte dos alunos, cerca de 33,6%, não fizeram nada para que estas agressões parassem. Além destes, outros 15,3% aproximaram-se para ver as agressões. Estes dados são inferiores aos encontrados por O’Connell, Pepler e Craig¹¹, os quais constataram que em 54,0% do tempo os espectadores observaram passivamente os episódios e 21,0% desempenharam um papel ativo de apoio e incentivo ao agressor. Para estes autores e para Simão, Freire e Ferreira⁸, o fato de não socorrem as vítimas faz com que os espectadores reforcem o comportamento dos agressores, pois nos espaços onde não ocorrem efetivas intervenções contra o *bullying*, o ambiente fica “contaminado” e todos os alunos, sem exceção, são afetados negativamente, experimentando sentimentos de medo e ansiedade²⁶.

Em contrapartida, verificou-se que dentre as atitudes mais prevalentes dos espectadores estão “apoiar o agredido” e “recorrer a um adulto”. Somadas todas as formas de ajuda, estes espectadores representaram aproximadamente 41,8% dos participantes, dados bem superiores aos encontrados por O’Connell, Pepler e Craig¹¹, em que 25,0% evidenciaram um papel interveniente no sentido de oferecer suporte ou defender a vítima. Estes dados são vistos como positivos, pois de modo geral, o espectador convive com a violência e se silencia por temer se tornar a

próxima vítima do agressor²⁷. Além disso, os dados deste estudo também indicaram que o número de meninos e meninas espectadores que ajudaram os colegas foi bastante semelhante, indo de encontro à literatura que aponta as meninas como as principais a assumirem este papel^{4, 28, 29}.

Os dados deste estudo também mostraram uma forte associação entre ser espectador e outros papéis assumidos no *bullying* escolar, principalmente com ser também agressor. Este dado é bastante preocupante, pois sendo o espectador também agressor, é possível que ele reforce esse tipo de violência. Twemlow, Fonagy e Sacco³⁰, caracterizaram este perfil como sendo “espectador agressor”, que sustenta o *bullying* oferecendo um *feedback* positivo, entrando ativamente como agressor ou sustentando este fato através de risos e gestos encorajadores. Além disso, esses estudantes podem se tornar agressores como forma de se autopreservarem, buscando se esquivar da condição de vítima em potencial³¹. Outros estudos evidenciam essa relação, no qual apontam que, o “espectador agressor” pode desenvolver sentimentos de aversão à escola, problemas de frequência, evasão, métodos de culpar a vítima e convicções favoráveis à eficácia da violência na resolução de conflitos, em que a longo prazo, os efeitos desfavoráveis de testemunhar violência na escola, podem ser tão perniciosos quanto o dano causado por experiências concretas de violência vivenciadas^{32,33}.

Verificou-se ainda que as vítimas foram as que mais presenciaram diferentes situações de *bullying* em relação aos alunos não participantes. Este perfil também foi caracterizado por Twemlow, Fonagy e Sacco³⁰, como “espectador passivo/vítima”, que simplesmente fica de lado e em silêncio enquanto observa, tendo um consentimento tácito, podendo se tornar parte do processo de vitimização. Esses dados podem ser explicados pelo fato de muitas vezes as vítimas se colocarem como espectadores das próprias agressões sofridas, bem como por serem as que mais se incomodam com este tipo de comportamento. Por outro lado, os agressores têm essas atitudes como corriqueiras, não as considerando então, como situações de *bullying*. Essa identificação é de alta relevância para a compreensão desse fenômeno, pois ambientes com altos níveis de comportamentos pró-*bullying* favorecem adolescentes agressivos a intimidarem os outros. Indivíduos com traços elevados de agressividade podem ser particularmente sensíveis a recompensas sociais, aumentando os seus comportamentos de *bullying*. Em contrapartida, comportamentos anti-*bullying* preveem um crescimento desacelerado da trajetória de intimidação ao longo do tempo^{34,35}.

Este estudo apresentou dados que indicam um número elevado de espectadores de *bullying* nas escolas estudadas, nas quais a maioria dos participantes assumiam esse papel. Da mesma forma, foram apresentadas fortes associações entre ser espectador e os outros papéis de participação neste fenômeno, principalmente entre ser agressor. Isso reforça a importância dos espectadores nessas agressões, não apenas por representarem a maior parte dos participantes, mas principalmente pelo reforço positivo ou negativo que eles podem oferecer a esses comportamentos agressivos. Por isso, identificá-los e ouvi-los é fundamental no processo de combate ao *bullying*, tendo em vista que o fato desta violência não ter visibilidade social entre

os adultos, acaba por negligenciar informações valiosas que somente os pares podem oferecer. Assim, o incentivo e o encorajamento destes alunos para denunciarem e reprovarem os agressores, bem como defenderem as vítimas, é fundamental para a redução do *bullying* escolar e a construção de um ambiente mais saudável e propício ao desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Como limitação deste estudo aponta-se que o delineamento transversal impede a realização de inferências sobre a direção das relações identificadas, não permitindo o estabelecimento de causalidades. Além disso, outra limitação foi a escolha por conveniência das escolas participantes no estudo, não permitindo que os dados sejam generalizados a todos as crianças e adolescentes como um todo. Pesquisas futuras podem adotar delineamento longitudinal e uma amostragem probabilística, pois assim será possível o acompanhamento de alterações ocorridas ao longo do tempo, de modo a identificar os efeitos exercidos de ser espectador no envolvimento em outros papéis no *bullying*, identificando assim relações de causa e efeito e o perfil de crianças e adolescentes de um modo geral. Ressalta-se a importância de mais estudos que visem suprir essas limitações para que possam tornar mais clara a relação entre essas variáveis, com o objetivo de obter dados mais precisos que possam subsidiar esforços de prevenção e enfrentamento deste problema na escola.

Embora encontre-se tais limitações, os resultados apresentados neste estudo, intensificam a pertinência relacionada ao tema, classificando o fenômeno *bullying* na qualidade de questão problema no campo da saúde pública, devido ao reforço que os espectadores exercem na prevalência desse comportamento no ambiente escolar, muitas vezes reproduzindo o que é assistido e causando prejuízos no desenvolvimento afetivo, social e das relações inter e intra-pessoais das crianças e adolescentes. A identificação precoce dos participantes do *bullying* e como esses se comportam, independente do papel assumido, contribui para o engajamento em programas de interven-

ção que propiciem estratégias de prevenção relacionadas a este fenômeno, com o envolvimento tanto de políticas públicas sociais, como a integração da equipe pedagógica, de pais e professores, com intuito de estabelecer às crianças e adolescentes um crescimento saudável e com respeito mútuo para si e os demais.

Os resultados desse estudo ainda apresentam algumas convergências e divergências em relação aos demais pesquisadores dessa temática. Dentre as convergências, parece ser um consenso na literatura que a maior parte das crianças e adolescentes nas escolas, assumem o papel de espectador perante o *bullying* escolar. Além disso, as agressões verbais são as mais frequentemente observadas pelos espectadores; as meninas estão mais envolvidas no *bullying* indireto e as associações entre o papel do espectador e os outros papéis de participação no *bullying*, como por exemplo, “espectador agressor” e “espectador passivo/vítima”, já eram previstos pela literatura. Em contrapartida, as divergências encontradas foram principalmente em relação as atitudes tomadas pelos espectadores nas situações de violência observadas. Neste estudo, os participantes demonstraram um posicionamento mais a favor da vítima e com menor reforço aos agressores, bem como se verificou um número equivalente de meninos e meninas que demonstraram apoio aos colegas, quando comparados a literatura.

No entanto, sabe-se que independente do papel assumido, o envolvimento no *bullying* pode propiciar aos alunos maiores experiências quanto ser espectador, ao mesmo tempo em que a não participação neste fenômeno afasta as crianças e adolescentes de situações de violência. Assim, o *bullying* deve ser visto como um fenômeno complexo, que atinge todos seus envolvidos e que necessita ser prevenido e combatido em todas as esferas de participação neste tipo de violência. Desta forma, sugerem-se mais estudos que visem compreender o perfil destes participantes, ampliando e forçando esses achados, podendo então, auxiliá-los no processo de combate ao *bullying* escolar.

■ REFERÊNCIAS

1. Magklara K, Skapinakis P, Gkatsa T, Bellos S, Araya R, Stylianidis S, et al. Bullying behaviour in schools, socioeconomic position and psychiatric morbidity: a cross-sectional study in late adolescents in Greece. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health*. 2012;6:8. DOI: <http://dx.doi.org/10.1186/1753-2000-6-8>
2. Chui WH, Chan HCO. Self-control, School Bullying Perpetration, and victimization among macanese adolescents. *J Child Fam Stud*. 2015;24:1751. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-014-9979-3>
3. Tani F, Greenman P, Schneider B, Fregoso M. Bullying and the big five: a study of childhood personality and participant roles in bullying incidents. *School Psychol Int*. 2003;24(2):131-46. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0143034303024002001>
4. Raimundo R, Seixas S. Comportamentos de bullying no 1º ciclo: estudo de caso numa escola de Lisboa. *Interações*. 2009(13):164-86.
5. Cranham J, Carroll A. Dynamics within the bully/victim paradigm: a qualitative analysis. *Educ Psychol Practice*. 2003;19(2):113-32. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/02667360303235>
6. Tsang SK, Hui EK, Law BC. Bystander position taking in school bullying: the role of positive identity, self-efficacy, and self-determination. *Scientific World J*. 2011;11:2278-86. DOI: <http://dx.doi.org/10.1100/2011/531474>
7. Hawkins D, Pepler D, Craig W. Naturalistic observations of peer interventions in bullying. *Social Dev*. 2001;10(4):512-27. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/1467-9507.00178>

8. Simão A, Freire I, Ferreira A. Maus-tratos entre pares na escola: um estudo contextualizado. Actas do Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas. Brasília: UNESCO; 2004.
9. Fischer RM, Lorenzi G, Pedreira L, Bose M, Fante C, Berthoud C. Bullying escolar no Brasil: relatório final. São Paulo: 2010.
10. Stueve A, Dash K, O'Donnell L, Tehranifar P, Wilson-Simmons R, Slaby RG, et al. Rethinking the bystander role in school violence prevention. *Health Promot Pract.* 2006;7(1):117-24. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1524839905278454>
11. O'Connell P, Pepler D, Craig W. Peer involvement in bullying: insights and challenges for intervention. *J Adolesc.* 1999;22(4):437-52. DOI: <http://dx.doi.org/10.1006/jado.1999.0238>
12. Freire I, Simão A, Ferreira A. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Rev Port Educação.* 2006;19(2):157-83.
13. Kohut M. The complete guide to understanding, controlling, and stopping Bullies & Bullying: a complete guide for teachers & parents. Ocala: Atlantic; 2007.
14. Olweus D. The Olweus Bully/Victim Questionnaire. Bergen: Mimeo; 1986.
15. Puhl RM, King KM. Weight discrimination and bullying. *Best Pract Res Clin Endocrinol Metab.* 2013;27(2):117-27. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.beem.2012.12.002>
16. Rigby K. Peer victimisation at school and the health of secondary school students. *Br J Educ Psychol.* 1999;69 (1):95-104. DOI: <http://dx.doi.org/10.1348/000709999157590>
17. Wang J, Iannotti RJ, Nansel TR. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. *J Adolesc Health.* 2009;45(4):368-75. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.03.021>
18. Vieno A, Gini G, Santinello M. Different forms of bullying and their association to smoking and drinking behavior in Italian adolescents. *J Sch Health.* 2011;81(7):393-9. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1746-1561.2011.00607.x>
19. Chang FC, Lee CM, Chiu CH, Hsi WY, Huang TF, Pan YC. Relationships among cyberbullying, school bullying, and mental health in Taiwanese adolescents. *J Sch Health.* 2013;83(6):454-62. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/josh.12050>
20. Bandura A, Ross D, Ross SA. Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *J Abnorm Soc Psychol.* 1961;63:575-82. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/h0045925>
21. Cairns R, Cairns B, Neckerman H, Ferguson L, Gariépy J. Growth and aggression: I. Childhood to early adolescence. *Dev Psychol.* 1989;25:320-30. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.25.2.320>
22. Crick NR, Grotpeter JK. Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. *Child Dev.* 1995;66(3):710-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/1131945>
23. Brannon L. Gender: psychological perspectives. Boston: Allyn and Bacon; 1999.
24. Smith P. Bullying: Recent Developments. *Child Adolesc Mental Health.* 2004;9(3):98-103. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1475-3588.2004.00089.x>
25. Frisé A, Jonsson AK, Persson C. Adolescents' perception of bullying: who is the victim? Who is the bully? What can be done to stop bullying? *Adolescence.* 2007;42(168):749-61.
26. Rocha MO, Costa CLNA, Passos Neto IF. Bullying e o papel da sociedade. *Cad Graduação: Ciênc Hum Sociais.* 2013;1(16):191-99.
27. Levandoski G, Cardoso F. Imagem corporal e status social de estudantes brasileiros envolvidos em bullying. *Rev Latinoam Psicol.* 2013;45(1):135-45.
28. Rigby K, Slee PT. Bullying among Australian school children: reported behavior and attitudes toward victims. *J Soc Psychol.* 1991;131(5):615-27. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/00224545.1991.9924646>
29. Salmivalli C, Lagerspetz K, Björkqvist K, Kaukiainen A, Österman K. Bullying as a group process: participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior.* 1996;22:1-15. DOI: [http://dx.doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1996\)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T](http://dx.doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1996)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T)
30. Twemlow SW, Fonagy P, Sacco FC. The role of the bystander in the social architecture of bullying and violence in schools and communities. *Ann N Y Acad Sci.* 2004;1036:215-32. DOI: <http://dx.doi.org/10.1196/annals.1330.014>
31. Janosz M, Archambault I, Pagani LS, Pascal S, Morin AJ, Bowen F. Are there detrimental effects of witnessing school violence in early adolescence? *J Adolesc Health.* 2008;43(6):600-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2008.04.011>
32. Margolin G, Gordis EB. Children's exposure to violence in the family and community. *Curr Direct Psychol Sci.* 2004;13(4):152-5. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.0963-7214.2004.00296.x>
33. Mrug S, Windle M. Bidirectional influences of violence exposure and adjustment in early adolescence: Externalizing behaviors and school connectedness. *J Abnorm Child Psychol.* 2009;37(5):611-23. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10802-009-9304-6>
34. Salmivalli C, Kärnä A, Poskiparta E. From peer putdowns to peer support: a theoretical model and how it translated into a national anti-bullying program. In: Jimerson S, Swearer S, Espelage D. *Handbook of bullying in schools: An international perspective.* New York: Guilford; 2010; p. 441-54.

35. Nocentini A, Menesini E, Salmivalli C. Level and change of bullying behavior during high school: a multilevel growth curve analysis. *J Adolesc.* 2013;36(3):495-505. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.adolescence.2013.02.004>

This article is distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided you give appropriate credit to the original author(s) and the source, provide a link to the Creative Commons license, and indicate if changes were made. The Creative Commons Public Domain Dedication waiver (<http://creativecommons.org/publicdomain/zero/1.0/>) applies to the data made available in this article, unless otherwise stated.

Abstract:

Introduction: The school bullying is characterized by repetitiveness of aggression and the intentionality to injure or cause suffering to others. The bystanders to this phenomenon tend to be mainly responsible for the course that bullying will take and its results.

Objective: To analyse the association between the role of bystander with the other possible roles played in bullying.

Method: A total of 409 children from the third to seventh grade participated in this study, with an average age of 11 years (SD = 1.61), enrolled in two municipal public schools in Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. The instruments used were: one of the scales of the Questionnaire for the Study of Violence Among Peers, to identify bystanders, and the Olweus Questionnaire, to describe the possible roles played in school bullying.

Results: It was found that most of the participants assumed the role of bystander in school bullying. However, an association was found with regard to gender and being a bystander. Also, strong association was found between being a bystander and the other roles played in bullying, primarily in relation to the bullies.

Conclusion: These results reinforce the importance of bystanders in these aggressions, not only because they represent most of the participants, but mainly because of the positive or negative reinforcement they can offer in these aggressive behaviours. Therefore, the incentive and the encouragement of these students to denounce the aggressors, as well as defending the victims is essential to reduce school bullying.

Keywords: bullying, bystanders, vulnerability.